

Eduardo Campos: Marcos da Trajetória do Escritor

P. S. Martins

No estudo "Evolução e natureza do conto cearense", publicado na Revista CLÁ (1951/52) e reproduzido em *Uma Antologia do Conto Cearense* (IUC, 1965), o grande crítico Braga Montenegro assim definia a múltipla atuação literária do terceiro escritor, por ordem alfabética, integrante dessa coletânea:

Estreando-se no conto, Eduardo Campos publicou três livros no gênero: Águas Mortas (1943), Face Iluminada (1946) e Viagem Definitiva (1949). É autor também de algumas peças de teatro, duas das quais foram encenadas: O Mito da Rosa (1948) e O Anjo (1950). De 1951, a medicina Popular (1951) e o Folclore do Nordeste. Na ficção, o autor tentaria ainda o romance, O Conto das Mortas, não porém com absoluto sucesso.

1ª Parte

Estudos

No desempenho da função de coordenador na referida Antologia, dos livros de contos de Eduardo Campos, o renomado crítico Braga Montenegro decidia pela seleção de *minha Pe-Torta*, obviamente por considerar a melhor das narrativas do gênero, até então editadas pelo seu confrade do Grupo CLÁ.

Dispondo do livro *Face Iluminada* (Edições CLÁ, 1946), para a análise formal e conteudística que pretendia realizar, foi *O Abutre* que me pareceu a mais indicada tessitura ficcional para o referido objetivo. Concluída a "Leitura crítica de um conto de Eduardo Campos", em 1971 fiz pequena tiragem xerografada, distribuindo-a a alguns críticos nacionais e até a universidades estrangeiras.

Quando essas remessas aconteceram, o cubano Antonio García-Paz integrava o Department of Spanish and Portuguese, da University of Minnesota, USA. E, chegadas às suas mãos a minha Leitura crítica e uma cópia de *O Abutre*, esse mestre de

Dialética da Subjetividade nas *Viagens na Minha Terra*, de Almeida Garrett

Carlos d'Alge

Tem-se como data inicial do romantismo português a publicação em Paris do poema *Camões*, de Almeida Garrett, em 1825. Todavia, essa obra só foi conhecida mais tarde em Portugal, com o regresso dos emigrados, que o regime despótico de D. Miguel forçara ao exílio. Críticos e historiadores da literatura portuguesa, como Antônio José Saraiva e Oscar Lopes, preferem marcar o início do romantismo em Portugal no ano de 1836, quando se publica o livro de poemas *A Voz do Profeta*, de Alexandre Herculano, e quando aparecem as primeiras traduções dos romances de Walter Scott, *Ivanhoé* e *Waverley*, e em que os *Ciúmes do Bardo* e a *Noite no Castelo*, de Antônio Feliciano de Castilho, não passam de imitações românticas.

Em 1837 inicia-se a publicação da primeira revista romântica portuguesa, *Panorama*, na qual colaboram os escritores daquela época. Entretanto, a expressão teórica do Romantismo deve-se a Herculano, especialmente os seus artigos publicados no *Repositório Literário*, do Porto, entre 1834 e 1835, onde se divulgam as idéias do Romantismo alemão, notadamente as de Frederico Schlegel. O formalismo também surge nesse período e tanto Herculano como Garrett escrevem na *Revolução de Setembro* e n' *O Espectro*, de 1846. Herculano mantém polêmicas nesses jornais sobre temas de ressonância nacional, como a polêmica da batalha de Ourique e a do casamento civil, reunidas mais tarde nos *Opúsculos*.

O Romantismo português é antifeudal, mas favorece o predomínio de uma aristocracia recrutada na burguesia rural. Garrett idealiza uma camada média proprietária que seria a base das instituições. Embora servindo a um governo de esquerda (os setembristas), representa o iniciador do Romantismo português a tendência de recuo até posições liberais conservadoras.

Os escritores românticos portugueses ora afinam com as mudanças sociais e/ou políticas, ora as contestam. No governo de Costa Cabral surge o esboço de uma literatura de contestação. O governo defendia os interesses dos banqueiros e impôs limitações à liberdade de imprensa, medidas repressivas com as quais não poderiam concordar Herculano e Garrett. Entre 1848 e 1850 aparecem os primeiros jornais socializantes como o *Eco dos Operários*. Escritores franceses progressistas como George Sand e Eugênio Sue têm imensa aceitação em Portugal.

Antes de falarmos das *Viagens*, ocupemo-nos de duas obras-primas de Garrett dentro dos postulados do Romantismo: o *Camões*, de 1825, e o *Frei Luís de Sousa*, de 1843. No prólogo ao *Camões*, diz Garrett:

"A índole deste poema é absolutamente nova". Nova de conteúdo e na visão idealizada do épico que retorna do exílio, acompanhado do escravo Jan. Quanto à estrutura do poema ainda é concebido no molde clássico em dez cantos. No poema, Garrett canta a saudade de um Portugal místico que não era mais o refúgio da liberdade. Note-se, Garrett estava exilado em Paris por oposição ao governo.

O *Frei Luís de Sousa*, é até hoje representado em Portugal. Dividido em três atos, inclui vários aspectos da ideologia de Garrett subjacente à sua posição de liberal em luta contra o despotismo miguelista, ao nacionalismo pátrio, ao drama da renúncia e ao próprio conflito nacional e familiar. A biografia de Manuel de Sousa Coutinho, mais tarde Frei Luís de Sousa, daria a substância à dramatização proposta pelo autor.

No primeiro e segundo atos trata-se de preparar o aparecimento de D. João de Portugal, marido de Madalena de Vilhena, tido como morto em Alcácer-Quibir. Madalena, presumível viúva, ainda jovem, casa com Manuel de Sousa Coutinho, de quem tem uma filha, Maria. No terceiro ato, procura-se resolver a trágica situação. De volta a Portugal, o desaparecido revela a sua verdadeira identidade. A solução é a separação de Madalena e Manuel de Sousa Coutinho, que se internam na vida conventual.

Maria, frágil e desassistida, morre com a revelação de que a mãe cometera adultério. Morte verossímil, mas desnecessária na economia do drama.

O conflito familiar está na oposição entre a felicidade e a honra de uma família aristocrática. O conflito nacional traz de volta o sebastianismo, que introduz no lar de Manuel de Sousa o medo. É também a fidelidade patriótica de Coutinho que incendeia a própria casa, no 1º ato, para não cedê-la aos espanhóis, e que o leva à casa de D. João de Portugal, onde se consuma a tragédia.

Julgam alguns críticos que o autor transferiu para o texto um pouco do seu drama pessoal, isto é, da sua relação com Adelaide Deville, de quem teve dois filhos mortos em tenra idade e uma filha. Manuel de Sousa seria também um Garrett ideal, como desejaria ter sido o escritor e nunca foi, com a necessária capacidade de renúncia, que acaba sendo transferida para Manuel de Sousa no seu drama. Lembremos que Garrett foi infeliz como marido, infiel como amante e incapaz de se doar, vivendo por isso sempre dividido.

Voltemos às *Viagens na Minha Terra*, de 1846. Obra singular na bibliografia de Garrett. Mistura de novela, crônica, reportagem. Foi uma novidade quando o autor, a propósito de uma viagem de Lisboa a Santarém, a convite do amigo Passos Manuel, conta as peripécias ocorridas entre as duas cidades e as reflexões que faz sobre política, literatura, jornalismo, vida mundana etc. Repartida em 49 capítulos, as *Viagens* trouxeram o estilo coloquial da conversa entre a gente do povo, libertando o autor a linguagem do peso do academicismo.

Ao chegar a Santarém, Garrett inclui no seu relato a história amorosa da Joanhinha dos Olhos Verdes, a "menina dos rouxinóis", e do seu namorado Carlos, na verdade o *alter ego* de Garrett.

A história de Joanhinha e de Carlos é a encarnação do ideal amoroso do autor, que utiliza processo idêntico ao que Eça usou para escrever sobre o seu duplo Fradique Mendes. Retorna o símile da mulher-anjo, já entrevista nas *Flores sem Fruto*. Carlos é, como se disse, o próprio Garrett, prisioneiro da ambigüidade amorosa. Como não se decide pela Joanhinha, nem por Georgina, acaba só.

As *Viagens na Minha Terra* trouxeram à literatura portuguesa do século XIX um ar de naturalidade e de espontaneidade coloquial que substitui a estilística tradicional. Garrett é assim o precursor da linguagem queirosiana.

Prosa liberal e romântica, as *Viagens* têm a mesma importância que as *Folhas Caídas*. São duas criações artísticas, na prosa e na poesia, que dão o tom à imaginação e à idealização garrettianas. A carta que conclui a novela, carta de Carlos a Joanninha, é o fecho dramático de quem não sabe escolher, da dubiedade e vacilação. Garrett não aprendera a lição que nos transmitiu em *Dona Branca*, quando a fada Alina diz a Aben Afan: "É forçoso escolher".

Como bem observa o professor Jacinto do Prado Coelho: a parte novalesca das *Viagens* enlaça-se, até certo ponto, com a meditação sobre a crise do Portugal coevo. A novela tem dois centros de interesse: Fr. Dinis, personagem-fulcro de uma tragédia de família, que emparelha com o Frei Luís de Sousa e descai, por vezes, no melodrama; e Carlos, que participa dessa tragédia enquanto filho do tenebroso Fr. Dinis, mas que sofre um problema seu, independente do mais: a instabilidade afetiva. Carlos é incapaz de se dar por inteiro no amor; por isso foge à cândida Joanninha, sua prima, por isso lhe diz que é um "monstro" indigno da afeição que ela lhe dedica. Ali, a tragédia é conduzida por um destino implacável: sem o saber, e em legítima defesa, Dinis assassinara o marido da amante, que era a mãe de Carlos, porém (trágico apenas à medida que vitima Joanninha) deriva dum modo de ser temperamental; e Carlos, apesar do "horror" que diz provocar a si próprio, não deixa de comprazer-se com certa vaidade na sua inconstância donjuanesca, fruto dum coração "grande demais". Ora bem: dr. Dinis, homem "superior" de "erudição imensa", encarna o Portugal velho em vias de desaparecer; Carlos, que luta a favor de liberais, é expoente do Portugal novo, e acaba candidato a deputado e barão – o que se liga à idéia do burguesismo triunfante. Através de Fr. Dinis exprime Garrett o respeito por certos valores tradicionais e o desengano do liberalismo de escola – diferente do espírito liberal como o autor o entendia e preconizava.

Embora Garrett cite Xavier de Maistre, autor de *Voyage Autour de Ma Chambre*, não foi este autor que exerceu maior influência no aspecto formal das *Viagens*, mas Lawrence Sterne, afirma Maria Zalmar Nunes.

Garrett refere-se a este **escritor** várias vezes, mostrando serem-lhe **familiares** as duas obras do célebre humorista inglês: *A Sentimental Journey* e *Tristan Sahndy*.

Essas referências ocorrem nos capítulos XI e XLI. No primeiro, comenta e traduz um passo de um trecho intitulado Montreuil da obra *A Sentimental Journey*, em que o seu autor faz o elogio da paixão amorosa:

[...] having been in love with one princess or another almost my life, and I hope I shall go on so, till I die, being anfirmly persuaded that if I ever do a mean action, is must be in some interval between one passion and another.

Analogias de sentimento podem notar-se entre a figura de Carlos, em que Garrett se retratou e mostrou a nu o seu coração, e Aterne, que, no capítulo Amiens, da mesma obra, diz:

It had ever, as I told the reader been one of the singular blessings of my life, to be almost every hour of it miserably in love with some one [...]

Uma restrição há a fazer: enquanto Sterne considera como benções as paixões amorosas e risonhamente delas fala, Garrett, através da figura de Carlos e nas *Folhas Caídas*, olha-as antes como uma fatalidade dolorosa e irresistível.

Façamos uma pausa para lembrar que as *Folhas Caídas*, de 1853, foi o melhor que Garrett produziu na lírica portuguesa. Documento fundamental, podem ser colocadas ao lado da carta de Carlos, no final das *Viagens na Minha Terra*.

Sobre a influência dos autores ingleses, notadamente Shakespeare, Byron, Shelley, Addison, que Garrett leu, quando do seu exílio na Inglaterra em casa da família Hadley, fez com que o autor incluísse nas *Viagens* algumas observações sobre a obra shakesperiana.

Para concluir, foi nas *Viagens na Minha Terra* que Garrett pôs o problema das contradições que cercam o caráter instável da realidade burguesa, analisando-o dialeticamente. Para tanto, tomou como símbolo os personagens de Cervantes, identificando-os com as contradições existentes entre o espiritualismo e o materialis-

mo. O espiritualismo estaria personificado na figura do Cavaleiro da Mancha e o materialismo na "rotunda e anafada presença" do Sancho Pança. D. Quixote marcharia "sem atender à parte material e terrena desta vida; com os olhos fitos em suas grandes e abstratas teorias, hirto, seco, duro e inflexível".

Afirma Garrett que, a exemplo da história de Cervantes, espiritualismo e materialismo constituem-se dos princípios avessos e desencontrados, mas que andam sempre juntos, ora um mais atrás, ora outro mais adiante, mas "progredindo sempre". Conclui-se que, para Garrett, cuja visão dialética da realidade não é um fenômeno meramente renovado da razão, há uma ocorrência nesse caminho, nesse progredir, que se insere na dinâmica do progresso humano.

Assim poderíamos dizer, aceitando a tese garrettiana, que espiritualismo e materialismo, ou, em termos literários, idealismo e realismo, se alteram, se realizam e se sucedem. Embora avessos e desencontrados, progridem sempre. Esse progredir não ocorre arbitrariamente, mas em harmonia com ideais políticos, sociais e culturais, ao lado dos quais seguem paralelamente os ideais literários e artísticos.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Francisco Gomes de. *Garrett – Memórias biográficas*. Lisboa. 3 v. 1881-1883. (É a principal fonte de informação sobre Garrett).

d'ALGE, Carlos. *Garrett*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1996. v. 122.

_____. *As relações brasileiras de Almeida Garrett*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/INL, 1980.

LAWTON, R. A. *Garrett – l'intime contrainte*. Paris, 1980.

MONTEIRO, Ofélia Milheiros Caldas Pereira. *A formação de Almeida Garrett*. Coimbra, 1971. (1v).

SARAIVA, António José. *História da literatura portuguesa*. Lisboa: Editorial Estúdios Cor., 1966.

SARAIVA, António José & LOPES, Oscar. *História da literatura portuguesa*. 7. ed. Editora Porto: [s.d].